P22.12

UNICAMP

EVENTO: CD interativo - Multimídia
Philip Glass
VEÍCULO: FOLHA DE SÃO PAULO
DATA: 24 de março de 1995
PÁGINA: 5 - 9
SEÇÃO: ILUSTRADA

CDMC Brasil Unicamp

MULTIMÍDIA

Philip Glass grava música em disco interativo

Éder Chiodetto/Folha Imagem

O compositor minimalista americano Philip Glass, que está se apresentando em Lisboa

JAIR RATTNER
De Lisboa

O músico minimalista norte-americano Philip Glass está gravando um CD interativo. Ele vai permitir ao usuário escolher para onde a música vai caminhar, acompanhada por imagens.

O trabalho está sendo feito junto com o designer Bob Israel e deve ficar pronto dentro de um ano: ''Achamos que pode se tornar uma nova forma de arte'', conta Glass.

O CD está sendo feito com equipamento IBM. ''O pessoal da IBM levou um CD interativo a minha casa e me propôs brincar com ele para ver se tenho umas idéias novas'', disse Glass, que se apresentou em Lisboa esta semana.

Ele já tinha trabalhado com Bob Israel em três óperas: ''Satyagraha'', ''Orphée'' e ''The Voyage''.

Para Glass, a possibilidade de o usuário intervir na música foi o grande desafio: ''Comecei a criar uma peça com eventos paralelos. Eventos diferentes podem se movimentar dentro de uma linha de tempo'', disse.

O CD inverte a lógica tradicional, em que a música é criada em função da imagem.

Em Lisboa, Glass resolveu problemas da ópera ''Corvo Branco'', que tem como tema os descobrimentos portugueses.

Encomendada pela Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, a ópera deveria ter ficado pronta para a exposição Universal de Sevilha, em 1992. No entanto, só vai ser montada na Exposição Universal de Lisboa, em 98.

Glass só aceitou compor a ópera, baseada num libreto da portuguesa Luísa Costa Gomes, se a montagem fosse do americano Bob Wilson.

''Na época eu estava fazendo uma ópera sobre Colombo e disse que se pudéssemos convidar o Bob Wilson, isso ia garantir um trabalho muito diferente'', afirmou.

A música da ópera já foi gravada, para permitir o trabalho de Wilson. No entanto, só depois de montada é que poderá ser feita uma edição em disco.

Atualmente, o Philip Glass Ensemble, composto por seis músicos, está trabalhando numa mistura de filme com ópera. Desde o ano passado, já foram mais de 40 apresentações de ''La Belle et la Bête'', baseado no filme de Jean Cocteau, de 1948.

''Tirei o diálogo do filme e escrevi uma partitura em que as vozes aparecem exatamente ao mesmo tempo que o movimento dos lábios no filme. Projetamos o filme e ao mesmo tempo representamos a ópera'', explicou Glass.

Depois da ''Belle et la Bête'', que Glass chamou de Ópera para Ensemble e Filme, o próximo passo vai ser juntar o balé, o filme e a ópera. Será com o filme ''Les Parents Terribles'', também dirigido por Jean Cocteau. ''Ele fez filmes clássicos, muito bonitos, com qualidade artística'', disse Glass.

Para ele, os novos caminhos da música passam por essa união de artes diferentes. ''A tecnologia que estou utilizando neste trabalho existe há apenas dois anos.''

Uma mistura que não abre mão de elementos do passado. Glass quer recuperar, por exemplo, o melodrama, gênero em que o libreto não é cantado, como na ópera, mas recitado ao som de música. ''É um gênero que não se usa já há uns 60 anos'', diz o músico.

Ele observa também que diminui cada vez mais a barreira entre o popular e o erudito.

''Eu vi recentemente um concerto de jovens músicos em Nova York. Eles interpretaram uma peça minha com guitarra elétrica, marimba e corneta baixo. Muitas das minhas obras têm instrumentos da música pop, mas eu não faço alarde disso'', afirma.

Desde 1988, Glass costuma passar todos os anos um mês no Rio. Ele aluga um apartamento, fecha-se e fica trabalhando.

''Em janeiro é muito frio em Nova York e, como não conheço muita gente no Brasil, posso trabalhar de 8 a 10 horas por dia sem ser atrapalhado. Se vou trabalhar, quero estar num lugar onde todo mundo está se divertindo'', conta.

Ópera homenageia descobrimentos portugueses

De Lisboa

Apesar de ser sobre os descobrimentos e paga pelo governo português, a ópera ''Corvo Branco'' não é uma simples glorificação dos feitos do portugueses.

''A ópera é sobre a própria idéia do descobrir, do desbravar, alterna atos nos séculos 15 e 16 com atos no presente e no futuro'', disse a romancista portuguesa Luísa Costa Gomes, que escreveu o libreto.

Com cinco atos, ligados por quatro niplays —nome que Bob Wilson deu a pequenas representações entre os atos—, a ópera reúne textos que vão desde ''Os Lusíadas'' a Wilhelm Reich (''Sobre o Azul''), passando pelo diário de bordo de Gago Coutinho, que esteve na primeira travessia aérea entre Portugal e Brasil.

Um dos momentos relatados na ópera é quando o avião em que viajavam Gago Coutinho e Sacadura Cabral é forçado a pousar nas águas e os dois tripulantes são cercados por tubarões.

A ópera surgiu num workshop de três semanas que reuniu Luísa, Philip Glass e Bob Wilson, em 1990. É uma colagem. Inclui também um mito dos índios guaranis, trechos de manual de etiquetas e poucos textos escritos especialmente para a obra.

''Bob Wilson trabalha com tempos e ritmos. Prefere textos que não tenham a ver diretamente com a montagem nem com a música, o que dá por vezes resultados surpreendentes'', disse Luísa.

Segundo ela, o título ''Corvo Branco'' vem da mitologia grega. A origem é o mito de que os corvos eram brancos até que um deles denunciou a infidelidade da amante de Apolo e, como castigo, os corvos foram transformados em negros.

''É um trabalho sobre a ingenuidade do ato de descobrir'', afirma a escritora.

Ontem, ela se reuniu com Glass para acertar o texto com a música. Glass fez alterações em várias frases da partitura para atender a exigência de Bob Wilson quanto aos tempos corretos.

Compositor prefere apresentações individuais

De Lisboa

Mais de 1.700 pessoas lotaram o Centro Cultural de Belém, em Lisboa, para ver o concerto em que Philip Glass apresentou uma panorâmica de sua obra.

A apresentação incluiu obras de Glass compostas entre os anos de 1976 e 1994. São peças que variam desde o minimalismo radical até trabalhos mais rítmicos —caso de ''Três Estudos para Piano'', composta para o quinquagésimo aniversário do maestro Dennis Russel Davies.

A platéia aplaudiu de pé. Glass acabou tocando mais duas composições que não estavam previstas no programa do concerto.

Um programa que, segundo Glass, muda pouco de uma apresentação a outra, no decorrer dos anos. As alterações vão sendo feitas para incluir novas obras.

''Eu tenho tocado este concerto nos últimos nove anos. Às vezes troco algumas peças. Em junho eu vou trocar uma'', afirmou Glass, que dá apenas de 20 a 30 concertos por ano.

A última peça do programa, ''Satyagraha'' —um dos temas da ópera com esse título— é a música que Glass toca todas as manhãs depois de acordar.

''A primeira coisa que eu faço é tocar alguma coisa ao piano, para me preparar para o dia, e geralmente toco 'Satyagraha' '', disse o músico norte-americano.

''Tenho uma relação física com a música. As peças que eu escrevo são para meu corpo, assim como um coreógrafo que, quando cria, cria para o seu próprio corpo'', afirmou Glass antes de subir ao palco para sua apresentação.

Ele disse também que prefere tocar em concertos solo do que com o seu ensemble.

''O contato com a platéia, em um concerto solo, é muito íntimo. Posso tocar para cada uma das pessoas do auditório numa relação individual, e não importa estarem 1.500 pessoas assistindo'', disse.

Ele considera que tocando com o ensemble está de certo modo se escondendo. **(JR)**